

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCÍO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

CONHECIMENTO, CIÊNCIA E MERCADO

Sofia Branco Sousa

No contexto das universidades e dos centros de investigação pode-se falar de uma hegemonia contemporânea de um tipo de conhecimento científico convertível em valor de mercado, tendo como palavras-chave “aplicação”, “utilidade”, “relevância” e “impacto”. Trata-se da valorização de um conhecimento instrumentalizado pelo mercado. Existe uma tensão caracterizada por dois extremos, já identificados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico em 2008: o conhecimento por si próprio (conhecimento “puro” ou “aplicado” decidido por quem *faz* ou *gere* ciência, independentemente do seu valor de mercado) e o conhecimento por razões económicas (conhecimento “puro” ou “aplicado” dirigido a problemas específicos e necessidades da sociedade que o irão “consumir”). O problema reside, então, na valorização crescente do segundo e na progressiva exclusão do primeiro, particularmente evidente nas ciências sociais e humanas e nas artes, mas presente em todo o tipo de conhecimento científico. A produtividade académica encontra-se, deste modo, “esmagada” entre procedimentos burocráticos cada vez mais exigentes, monitorização cerrada da *performance* de académicos/as e uma enorme pressão para produzir conhecimento relevante e visivelmente convertível em valor de mercado.

O contexto da atual pandemia de COVID-19 pode tornar evidente que o conhecimento por si próprio – desenvolvido então a partir

de razões que não são necessariamente relacionadas com o mercado nem com a necessidade de lucro –, responde efetivamente, ou pode responder, a necessidades sociais e humanas. E isto é particularmente importante num momento em que podemos antecipar cortes no financiamento do ensino superior e da investigação. No âmbito da pandemia, vimos a sociedade recorrer à comunidade científica (e aos seus vários saberes) para perceber melhor a situação pela qual estamos a passar. Estamos, portanto, perante uma oportunidade de enfatizar, por um lado, o enorme potencial que o conhecimento por si próprio constitui em tempos de crise e, por outro, os riscos que corremos ao colocar demasiado ênfase na produção de conhecimento por razões económicas, principalmente razões económicas previsíveis. Vemos, deste modo, que palavras-chave como “aplicação”, “utilidade”, “relevância” e “impacto” podem ser atribuídas ao conhecimento por si próprio e não necessariamente apenas ao conhecimento convertível em valor de mercado. E que o paradoxo europeu – caracterizado pela aparente incapacidade dos países da Europa em converter as suas numerosas publicações científicas em inovação, crescimento e empregos –, deixe de ser um ponto tão central na agenda da produção de conhecimento, como ainda o é. Porque se há algo que esta pandemia evidenciou é que o mercado, e o valor de mercado, não pode ser a solução para tudo.